

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUL, Nasr Fayad; Duarte, Luíz Sérgio. História Política de Goiás. Goiânia: UFG, 2009.

LIMA, Maria Madalena. CRIXÁS, Nossa Terra Nossa Gente. Goiânia, Scala Gráfica e Editora. 2007.

Maria Eloíza Marques. Mapas – Crixás de todos nós. Ano 2000. PALACIM, Luís. O Século do Ouro em Goiás
Goiânia, Ed. UEG – 1994 4ª Ed. 1994-2001.

PRADO JÚNIOR, Caio Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo – Editora Brasiliense, 1977 -1990, reimpressão 2004.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A longa caminhada de um povo de uma nação ou população começa das grandes descobertas, transformando-se mais tarde em memórias históricas para os futuros leitores. De acordo com as pesquisas de escritores como: Palacim, Prado Júnior, Maria Madalena de Lima e outros; o Brasil foi o berço da exploração do ouro, a província de Goiás tem parte nessa história, o município de Crixás é um dos destaques como patrimônio Histórico em Goiás.

O que analisamos é que no decorrer dos séculos, exploradores e explorados não poderão ficar no esquecimento e novas gerações se responsabilizam em levar em frente a história de um povo.

Concluimos que Crixás é uma região histórica com traços de modernização, trazendo o passado ao presente, afirmando sua identidade e lançando os alicerces para a construção do futuro.

Atualmente os laticínios não mantêm o resfriamento do leite, o leite é exportado. Portanto, ajuntando o passado ao presente da história de um povo que afirma sua identidade e deixa aqui, aquilo que o tempo nos permitiu construir.

_ Colégio Osvaldo Cruz, em parceria com a MSG (Mineração Serra Grande) com implantação em 1995, tendo sistema de Ensino do Maternal até Ensino Médio. Com material didático exclusivo, buscando as melhores propostas educacionais do país.

Finalmente a cidade de Crixás é reconhecida. A lei nº 850 de 30 de outubro de 1953, eleva a categoria de município o atual distrito de Crixás, do município de Itapaci. A Assembléia Legislativa do estado de Goiás decreta a seguinte Lei:

_ Artigo 1º- Fica desmembrado do município de Itapaci e elevado à categoria de município o atual distrito de Crixás. Seu primeiro prefeito foi João Ferreira de Faria, nomeado em 1954; em 1955 acontece a 1ª campanha política elegendo André Ferreira de Carvalho para prefeito, tendo Joaquim Xavier Maciel como vice e Cláudio Eloi Santana a presidente da Câmara de vereadores, com mandato até 1958. Crixás é uma cidade organizada como os demais municípios possuem os três poderes:

_ O Poder Executivo representado pelo prefeito municipal. O atual prefeito Olímpio César de Araújo Almeida

_ O Poder Legislativo é exercido pela Câmara de vereadores, seu atual presidente é o Sr. Carlos Borges de Barros

_ O Poder Judiciário é exercido pelo Juiz de Direito o atual Juiz Ernane Veloso de Oliveira Lino e o atual delegado de Polícia é Athos Galba Costa. Todas essas autoridades são importantes porque ajudam o município na ordem e no desenvolvimento. O governo municipal procura beneficiar o povo com serviços públicos, saúde e lazer.

A única atividade relevante é a criação de gado bovino. Crixás conta uma cooperativa de transporte escolar (COOTEC) a COOPERAGRO (Cooperativa de produtos agropecuários), uma Cooperativa de crédito de Crixás (CREDI- GOIÁS), Sindicato das Industrias Extrativas, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Sindicato Rural, Associação Comercial e Industrial de Crixás e Instituições Religiosas das Igrejas. A Igreja católica presta um grande serviço através das pastorais, principalmente a Pastoral da Saúde e da Criança.

O comércio que sempre ancorou a economia de Crixás foi a de gado de corte. A agricultura já incentivou o cultivo do arroz, feijão, milho e mandioca em menores proporções. A pecuária vem se firmando como a principal atividade primária, os produtos derivados registram índice de crescimento. Os leilões no parque agropecuário têm incentivado bastante o comércio de gado tanto leiteiro como de corte, também acontecem vários leilões de elite com uma produção elevada de gado registrado.

médicos de Ceres. Atualmente somos atendidos por um ótimo sistema de saúde onde os casos mais graves são encaminhados para Ceres, Anápolis ou Goiânia.

Quanto à educação, encontramos informações desde 1831, nesse tempo foram criadas aulas de primeiras letras, inclusive para meninas. Quando se conservava o preconceito feminino, as aulas eram ministradas em casa na presença da mãe. Em 1854, uma crise impede as pessoas a uma saída para o plantio. O presidente da Província de Goiás remove o professor de Crixás para a vila de Traíras, surgindo assim o fechamento da escola.

Não há relatos de escola até 1900, pelo que constatamos, fazendeiros pagavam alguém para alfabetizar seus filhos; outros iam até Goiás Velho para estudar. Em 1954 o prefeito João Ferreira de Faria cria o Grupo Escolar Prudêncio Ferreira, de ensino fundamental de 1ª a 4ª série, sua primeira diretora foi Angélica Ferreira Antunes por dois anos, em seguida Delmira Xavier, assumiu a direção até 1964.

Conforme Lima (pg 51), em 1964 cria-se a CNEC (Companhia Nacional da Escola da Comunidade), dirigida pelo Juiz de direito Orimar de Barros. Era uma escola de 2ª fase do 1º grau e funcionava a noite, em 13/12/1973, acontece a encampação da Escola Estadual de 1º Grau que recebeu o nome de Escola Estadual Prudêncio Ferreira.

Em 1998, foi criado o Ensino Médio e a escola passa a chamar Colégio Estadual Prudêncio Ferreira, este nome recebe homenagem porque era coronel de grande prestígio no meio político da época. Antes de tudo isso, aos 13 de outubro de 1970 sob lei nº 272, instala a Escola Normal de Crixás com regime municipal em parceria com a Prelazia de Rubiataba.

Nos anos de 1985-1986, sob Lei Estadual nº 9977/86, o colégio Estadual Jócio Xavier ferreira 1º e 2º Graus, tendo esse nome em homenagem ao sogro do Prefeito André Machado, era ele grande pecuarista do município de Crixás. Temos também a Escola Manoel Lino, no setor Novo Horizonte, iniciado em 1989.

Tivemos várias escolas municipais inclusive a Escola Adalberto dos Santos. Porém com o êxodo rural foi fechada a maioria das escolas. O transporte escolar reúne as crianças que são trazidas para as escolas urbanas. Mais tarde surgem em nossa cidade duas escolas particulares com ótimo sistema de ensino, atendendo as pessoas de melhor situação financeira, que são elas:

_ Escola Cora Coralina, fundada em 1995, trabalhando com educação infantil e 1º ao 9º ano.

traje a rigor. Jamais criados, peões e escravos livres podiam dançar nas festas. Os casamentos realizavam-se com grandes festas, geralmente os noivos tinham laços muito próximos até mesmo entre sobrinhos e tios, com finalidade de evitar desconhecidos. No dia do casamento familiares dos noivos distribuían perfumes nas roupas dos convidados, o horário era anunciado com o estouro de dois foguetes' de três tiros, o cortejo saía da casa da noiva para a igreja, onde os dois ajoelhavam pra pedir a benção do pai e da mãe, isso jamais acontecia sem choro, era um momento de emoção. O cortejo era um verdadeiro desfile da sociedade, não podia faltar a sanfona e os foguetes e na chegada tinha obséquo, que significa comes e bebes. Após o casamento a noiva permanecia com os pais uma semana ou mais, quando devidamente instruída dos deveres, o pai levava a noiva até a casa do noivo e junto deles o enxoval e um cargueiro com o necessário para o começo de vida.

Na religião o Vínculo Estado-Igreja, instituía o Pe. Simão Guedes, Vigário de Pilar de Goiás, como visitador e este mais tarde nomeou na Prelazia de Goiás e Pe. João Gervásio Pitaluga como 1º vigário de Crixás. Mais tarde o Pe. João José Pereira assume a Paróquia de Crixás até 1865 quando passa a pertencer a Prelazia de Santana do Bananal até 1961.

De acordo Lima (2007: 41), de 1961 a 1966, pertenceu a Diocese de Goiás, quando passou para a Prelazia de Rubiataba / Mozarlândia. Ainda temos registros de batizados de 1804. O 1º batizado data de 20 de Junho de 1804, de Anastácia de faria, filha de Severino Aguiar de Faria e Joana Aguiar. Além de Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, ainda possui 06 capelas e um patrimônio.

Temos em Crixás as seguintes igrejas evangélicas: Presbiteriana, a Cristã do Brasil, Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus e Fonte da Vida.

Na área da saúde em épocas passadas encontramos registros históricos sobre a febre amarela que em 1800, dizimou a população crixense. A malária sempre foi uma preocupação que os poucos foram sendo combatida pela SUCAM.

Não havia em nosso município nem hospitais, nem farmácia, havia benzedores e raízeiros que vendiam remédios básicos. A vida não era nada fácil, em casos graves as pessoas eram transportadas para Goiânia

O primeiro médico filho de Crixás foi o Dr. Jordiano de Araújo que em 1973 abriu o primeiro Hospital em Crixás. Na época não havia energia elétrica, o hospital possuía um motor gerador que abastecia o mesmo. Em 1972 foi iniciada a construção do Hospital Municipal de Crixás. Em 1980, o município aluga o mesmo para uma equipe de

testemunho. Conscientes ou não, esse foi o maior dos nossos políticos que levarão consigo a culpa dessa destruição.

A única coisa que nos resta é uma casa na Rua Ricardo Neves, com características coloniais, hoje doada a Prefeitura Municipal para projeto de Restauração. A Casa Grande, segundo relatos de D. Adalberto Francisca dos Santos, no seu livro "Diário da Vida de uma Mulher-1983, descreve o seguinte:" História lamentável da Casa Grande, uma casa histórica, com quatorze cômodos, um corredor da frente ao fundo, uma área que era o refeitório de dança do tambor; havia sala do cateretê, duas alcovas de guardar bebidas, sala, cozinha, sala de dança das famílias, Salão de São Benedito, outro cômodo um quarto, uma dispensa, outro cômodo ligado à cozinha, do lado esquerdo dois fornos para assar quitandas. Esta casa era aonde realizava festa do Imperador o Sr Maneve Lino de Carvalho do capitão do Mastro e festa do São Benedito.

Segundo Marques (2000: 8), nessa memória é interessante as curiosidades relatadas tais como: A primeira Cisterna (poço), e o primeiro fogão a lenha foram feitos do Sr. Albrecht Pedro Dietz. A segunda cisterna e o segundo fogão a lenha era da casa da Sr.^a Rosa Pereira Neves (Mãe Dinha), a chapa do fogão era entalhada em pedra sabão e a cisterna calçada de pedras. Em 1949 na Grande festa do Divino Espírito Santo, pela primeira vez aterrissou em Crixás um avião. O povo ficou admirado, até então só se saía de Crixás a cavalo. Os jovens que queriam estudar tinham que passar pelo sacrifício da viagem, durante 6 dias para chegar à cidade de Goiás.

Em 1952, chega em Crixás o primeiro caminhão, um FORD F – 600, adquirido pelo Sr. Joaquim Frederico Dietz. Já no final da década de 50 chega em Crixás pela primeira vez, um GEEP de propriedade do Sr. Braz Pereira Neves e a primeira geladeira à querosene do Sr. Geraldo Navarro Marques. Em 1964, Crixás recebe outra novidade, as primeiras quatro máquinas ELGIM, pertencentes a: Itair Xavier, Eleuza Neves, Arcangela Neves e Eclair Xavier.

A história social de Crixás tem um conteúdo rico de novidades na educação, na política, nas tradições, na economia, na religião e na sociedade principalmente, pois o povo crixense é hospitaleiro e batalhador.

Em família de sociedade, Crixás se destacava: As famílias donas de situação se vestiam com requinte de elegância; costureiras famosas confeccionavam os trajes elegantes das senhoras e dificilmente em sociedade encontrava um cavalheiro sem paletó e gravata. Conforme Lima (2007: 39), embora considerar a vida em comunidade havia uma distância entre ricos e pobres, as festas da Casa Grande eram realizadas no

Em levantamento do DMPM, o garimpo em Crixás desenvolvia nas áreas de aluviões do Rio Vermelho, principalmente entre a confluência do Córrego Geral e a Barra dão Córrego Água Forte. Em 1984 a atividade garimpeira da Lavra (Chapéu de Sol) sofreu uma invasão inesperada para extração do ouro. Muitos garimpeiros de várias regiões do país chegaram para o local e começaram os trabalhos de abertura de catas e moagem das pedras de maneira que levou o proprietário de terras, Dr. Francisco Pereira Lemes, a organizar uma cooperativa (COGACRE) a fim de legalizar a atividade.

O comércio cresceu espantosamente com o êxodo com centenas de comerciantes se estabelecendo em Crixás e o garimpo ficou agitado, porém com vida curta. Novamente voltaram ao mesmo problema do ano de 1922, tornando difícil a continuidade do trabalho. O nosso município continua progredindo em função do subsolo, este assunto será abordado mais tarde, incluindo a MSG de Crixás.

A extração do ouro não trouxe melhoria expressiva nos indicadores econômicos e sociais do município goiano. Crixás é um pequeno município de Goiás, com pouco mais de 13 mil habitantes, e duas minas subterrâneas em funcionamento, a primeira desde 1989 (mina III e mina nova de propriedade da Mineração Serra Grande S.A, controlada pela Anglo Gold Ashanti, na qual foram extraídas 81 toneladas de ouro. Essa característica foi um dos pontos fundamentais para que pesquisadores do Centro de Tecnologia Mineral (CETEM) do Ministério da Ciência e Tecnologia, resolvessem investigar o que de fato esses 18 anos de exploração mineral significaram para a cidade e quais foram os impactos na sua economia. O ponto de partida era saber se os índices sociais haviam melhorado se os royalties da compensação financeira por exploração mineral (CFEM), estavam provocando impactos positivos no orçamento e se a economia do município estava modificada. O resultado do estudo, intitulado “impactos de uma grande mina na comunidade local”. O caso de Crixás realizado pelos pesquisadores Francisco Fernandes, Maria Helena Machado Rocha Lima e Nilo da Silva Teixeira, mostra que nada se concretizou exatamente como o esperado.

Crixás como patrimônio histórico tem muito que mostrar e também muitas recordações; a memória histórica de Crixás começa onde termina a tradição. Os povos crixenses com muitas posses econômicas demoliram seus bens históricos, casas modelo colonial e em seus lugares construíram casas modernas sem expressão original.

Segundo Lima (2007: 29), demoliu a Casa Grande, uma relíquia de valor espetacular da nossa memória. A igreja Nossa Senhora da Conceição, a cadeia, enfim tudo que nossos descendentes pudessem usufruir de um saudoso passado, ora totalmente sem

Crixás. O arrocho dos impostos criado por Lisboa condena o ciclo do ouro em Goiás, e em Crixás sofre pela posição geográfica sem privilégios, o declínio do ciclo minerador se acentua e em 1770 a população crixaense passa a exercer atividades agrícolas e se vê isolada de propriedade privada, as fazendas eram divididas em regiões e cada família se apossava de certa quantidade de terra. Não havia estrada de rodagem até 1930 quando o progresso muda a história de Goiás, chega à estrada de ferro no sudoeste goiano e passou então a transportar o gado em vagões, até então caminhando sob os relatos dos viajantes cronista que chegaram em Goiás sob picadas de bandeirantes como Bartolomeu Bueno e outros.

O campo era visto como lugar de atraso, ignorância e limitação, carente de urbanização. A nível das gerações, a tentação cultivada por ideologias que serve de reprodução dos sistemas dominantes de ver a história declinar é interrompida agora por períodos de luz. Em 1968 quando numa nova conjuntura social começa mudar, renovando interesses norte-americanos por nossa história, consolidando os avanços de uma reflexão realizada em diversos campos do conhecimento.

Lima (2007: 24), apontando um avanço significativo na produção da história de nossa gente, incluindo: A educação, a criminalidade, a mulher pobre, o trabalho escravo e a própria elite que era mostrada como heróis. A família Dietz foi uma das pioneiras da província da Crixás. Albrecht Dietz fornecia gêneros alimentícios e tudo mais que os garimpeiros precisavam, por esse motivo com o fechamento do garimpo em 1922, ficou em situação precária, sofrendo muito com a dívida atrasada, doente, vindo a falecer em Crixás em 1927, conforme depoimento da professora Elizabete Dietz, filha de um dos dois filhos de Albrecht e Maria Pedrosa. Os dois filhos nascidos dessa união foram Joaquim Frederico e João Frederico. O primeiro, pai de 10 filhos, agropecuarista e chefe político. O segundo, oficial do Registro de imóveis, ambas pessoas idôneas que deixaram muitas realizações em Crixás.

Segundo Lima (2007: 26), a mina sem recursos para prosseguir seu trabalho, se desestabiliza, muitos exploradores vão embora. Foi em 1922 que foram transportados 50 carros de máquinas para mina, montaram os engenhos para triturar e moer o minério extraído; porém o ouro era muito fino e distribuído irregularmente, necessitando de uma apuração com métodos especiais. Para aumentar o número das máquinas com poucos recursos a companhia se viu impotente e não conseguiu superar essa barreira, as instalações das máquinas só serviram de experiência.

não é sua conceituação de história, mas é a memória histórica. A história só começa no momento em que acaba a memória social recolocando somente a herança.

Conforme Marques (2000), o governo de Goiás atuou em prol da política colonizadora, um meio de incremento populacional de crescimento da produtividade agrícola e do aumento das exportações e do desenvolvimento da Capital. A estrutura administrativa do estado inseriu Goiás na economia do mercado “Assim a autora diz” que Goiás progride atendendo as necessidades expansionistas do capital nacional, se moderniza frente à ordem anterior, mas não se liberta da condição de Estado periférico.

Cunha (2008: 10), diz que a partir de 1970 é que começaram as conseqüências e os resultados. A construção de Brasília, a Belém-Brasília, a expansão da fronteira agrícola e a ocupação do cerrado transformaram a economia goiana de subsistência em uma economia de mercado, capitada pelo PIB. Tais mudanças têm relação com o capitalismo brasileiro, onde o político responsável inscreveu a memória coletiva de seu grupo que é da história goiana. Pedro Ludovico tirou Goiás do atraso e difundiu a mentalidade progressista modernizadora.

Moreira (2008: 62), Íris dá seqüência a essa mentalidade de gestão na qual o estado fica patrocinador do desenvolvimento capitalista, estudos realizados mostra origem italiana presente no Brasil em 1891, os Balestra alçaram poder político em Goiás. Nos fins do Século XV, as famílias coloniais produziam riquezas como: tecidos, frangos, porcos, etc. A competição desse mercado, as trocas monetárias obrigavam a lógica do patrimônio. Estratégias matrimoniais diferenciaram as classes sociais dos colonos e a organização da família múltipla. A contribuição desse estudo regional confere participação dos estrangeiros na política goiana.

Conforme Lima (2007), como em todo o estado por onde passaram também em Crixás os colonos, os escravos e os índios deixaram suas marcas. Os escravos não deixaram nomes que os identifiquem hoje em Crixás. Sabe-se que o trabalho pesado foi deles, tais como amontoados de pedras, abertura de regos, porém devido a insignificância que lhe era atribuída pelos patrões, negaram-lhes o direito de sobrevivência.

Para Lima (2007: 21), Raimundo José da Cunha Matos proclama que Crixás era o arraial mais bem traçado na Província de Goiás. O arraial era rico e povoado tendo várias construções coloniais, muitas pessoas abastadas escolheram a região para viver. José de Almeida Lara, Antônio Cardoso Campos, Antônio Pereira do Lago e Pedro Taques Almeida foram escrivão e tesoureiro da intendência onde todos moravam em

abordagens aglutinadoras dos valores e funções dos múltiplos perfis de nossa História. É gratificante lembrar de personagens como Albrecht Dietz quando chegou em Crixás tomado de amores pelo lugarejo, estabeleceu-se como comerciante, logo em seguida contraiu matrimônio com Dona Maria Pedrosa e em 1920 viajou para São Paulo e retornou trazendo consigo o inglês Helmuth Brokes e seu irmão Ferdinando Brokes com um mapa da mina Chapéu do Sol em mãos.

Segundo Lima (2007: 24), chegando a Crixás vendo o ouro ser extraído pelos habitantes locais, a maioria mulheres bateando no leito do Rio Vermelho, enquanto já havia quem utilizasse o processo de moagem de pedras. Colhendo todos esses dados os Brockes dirigiu-se ‘a firma inglesa John Taylor & Sons de Londres e pediu um empréstimo para exploração da mina.

Conforme Marques (2000), Crixás tinha seus diversos pontos como: Pinguelão, Praião, Prainha, banheiro das Mulheres, Passagem de Tobias, Sombrio e outros. O córrego Lava Pés eram mananciais onde em potes ou latas buscavam-se na cabeça toda água para o uso doméstico. As margens do Rio vermelho eram movimentadas diariamente tanto para o uso cotidiano quanto para o uso de extração de ouro, que era praticada de formas variadas: nos leitos dos rios e córregos por homens, mulheres através de bateias ou dragas de sucção denominadas chupadeiras.

Dos garimpeiros de destaque o mais antigo é o garimpo da Lavra, descoberto pelos ingleses que para cá vieram e extraíram quantidade espantosa de ouro. Na corrida ao garimpo de Lavras a céu aberto a última ocorrência há cerca de 20 anos abalou a estrutura social do quadro populacional do município devido o crescimento da população de baixa renda e doenças originadas do pó da pedra (pneumiconiose), etc. Em compensação o comércio recuperou economia por causa do crescimento e da demanda, a população sofreu uma evasão expressiva no meio rural, o êxodo rural aumentou a dependência das pessoas que passou a depender da assistência social do município, onde quem lucrou com o garimpo foi o dono das catas.

Para Cunha (2008:10), a cidade de Crixás deixou para a sociedade goiana uma memória histórica, para Halbwachs, a memória histórica se diferencia da história, onde se entende por memória histórica a seqüência de eventos cuja lembrança histórica é conservada representando a memória coletiva. A expressão Memória se associa a dois termos onde o ponto principal para o autor é em que termina a tradição, momento em que se decompõe a memória social. O que nos interessa neste momento em Halbwachs

sedimentado. A mineração de morro muito mais dispendiosa exigia maiores conhecimentos técnicos, que são talho aberto e mineração de mina. Em Goiás a mineração de morro não foi praticada, Eschewege, escreveu de Goiás que as rochas estão intactas e os sítios auríferos só foram trabalhados na superfície. Não se conservando os registros das datas e das instalações mineiros é difícil afirmações, cada região tem suas exceções em Cocal, Pilar, Cavalcante, Goiás a exploração do ouro foi apenas por escravos de forma superficial.

A exploração do ouro permitia o surgimento de núcleos urbanos. Possibilitara então a organização de atividades destinadas, dando suporte e respaldo tais como: Comércio, profissões liberais, funcionários, soldados etc.

Conforme Palacim (2004: 149), só em 1788, por providencia de Luiz da Cunha Meneses, vieram para Goiás os primeiros professores: Três de primeiras letras para Vila Boa, Meia Ponte e Pilar recebe dois de latim e um de retórica. No governo de Dom Manoel, foram criadas novas cadeiras até completar oito professores de primeiras letras e três de latim, com bom desempenho. Do ponto de vista aqui esboçada Goiás se desenvolvia deixando conceito de decadência apenas parcialmente.

Nova configuração, com decadência é a ruralização da vida de uma população radicada quase exclusivamente em centros urbanos. Por pequenas que fossem as povoações foi realizada transmutação por toda a geografia de Goiás, na segunda década do século XIX, encontram-se carcaças de antigas povoações mineiras, outrora, cheias de vida. O capim cresce nas ruas, casas abandonadas, as igrejas caindo aos pedaços a começar pelas torres. Ouro Fino ficou totalmente abandonado, em Crixás, os animais podiam pastar nas ruas até com certos requintes.

Para Palacim (1994:152), podemos afirmar que grande parte de Goiás nos relatos do século XIX é início do XX com realidade ainda nos vestígios vivos de atitudes ante a vida transmitindo de geração a geração desde a decadência da mineração até a renovação inaugurada na década de 1930.

Conforme Lima (2007: 23), o goiano corajoso em condições de se defender é alcançado por nova conjuntura social, começa a mudar através do interesse de historiadores cientistas; "Os Brazilianistas". Devido a este movimento hoje somos livres para expressar nossas opiniões e a participação dos nossos antepassados na construção da nossa história. Entre os escritores não podemos esquecer os nomes de Gilberto Freire, Sérgio Buarque, Celso Furtado, Raimundo Faoro, Antônio Candido de Melo; produtores de teses riquíssimas e de produção homogênea centrada na racionalidade e

nas regiões do Norte, cercados de estabelecimentos mineradores que pertence inteiramente ao século XIX. Queremos lembrar algumas outras produções extrativas que representam certo papel na economia colonial de princípios do século passado, que pela sua particularidade, não poderia ser agora objeto de desenvolvimento; que são elas as de madeira pesca de baleia, do sal e salitre, e finalmente a erva doce. Falamos tanto de colonização considerando a época em que entram em cena os acontecimentos principais da sua história. A sua história data do ingresso das bandeiras pelos sertões à procura do ouro e pedras preciosas.

Segundo Marques (2000), é exatamente na segunda metade do século XVIII, que no decorrer das caminhadas dos bandeirantes desbravando o sertão goiano descobre aqui o ouro e salinas numa região habitada por índios que eram capturados pelos bandeirantes e levados como prisioneiros para os trabalhos escravos, o que ocasionou a fuga dos mesmos para outras paragens. O cascalho do Rio Vermelho, muito rico em ouro, ficou conhecido e ocasionou o povoamento do lugar. O garimpo era a subsistência dos moradores que cultivavam em pequeno escalão arroz, milho e mandioca. A população do povoado cresce e em 1746, este foi elevado 'a Arraial de Crixás. No final do século XVIII, Crixás começa a entrar em decadência com dificuldades para exploração, já empobrecido, desabitado o local é interrompido pelos índios Xavantes e pelos índios Canoeiros nos anos 1855.

O Arraial de Crixás fica localizado a 20 léguas de Santa Rita, 13 da Aldeia Carretão, 40 de Pilar e 330 de Goiás. O Arraial estava abandonado e o capim crescia em todas as ruas, as igrejas em péssimo estado de conservação e torres desabadas. Nas últimas décadas do século XIX, o ouro do Rio Vermelho continua sendo o atrativo para os garimpeiros de várias paragens e mesmo sofrendo intempéries na sua existência, o Arraial de Crixás consegue sobreviver. É interessante ressaltar aqui, as formas de mineração e apuração do ouro, variavam consideravelmente conforme o tipo de formação aurífera que se devia explorar. Seria nomeado em mineração de "cascalho e mineração de morro", segundo se tratasse de jazidas de aluvião, em que o ouro se encontra depositado entre seixos e areia, ou de jazidas em que o ouro permanece em rocha matriz.

De acordo com Palacim (2004: 64), a mineração de cascalho podia ser de veio de rio, de tabuleiro ou de gupiara. A mineração de veio de rio era realizada no cascalho aurífera do leito de córregos e rios no cascalho virgem continuam abundantes sedimentos de ouro, bastava levá-lo na bateia, agitando-o para que o ouro mais pesado ficasse

indiretamente daquele sistema colonial e são todos esses pequenos conflitos somados uns aos outros que colocaram a sociedade colonial em ebulição, preparando o terreno para transformações. É nas contradições profundas do sistema colonial, donde brotam conflitos que agitam a sociedade e de onde brotará também a síntese delas, fazendo surgir um novo sistema em substituição ao anterior.

O que aguça o conflito é a insolvabilidade dos débitos comerciais nas colônias, resultando na crise em debate a produção brasileira no decorrer do século XVIII; aguça também a diferença profunda de vida e psicologia que separa as classes e os indivíduos que a compõem, fruto também de condições inerentes ao sistema colonial: de um lado os brasileiros proprietários, de vida larga e grandes gastos desprezando o trabalho e a economia, doutro lado o “mascate”, o imigrante enriquecido. O conflito assim se aprofunda e estende.

Conforme Prado (2004: 367), outra contradição do sistema colonial é de natureza étnica, resultado da posição deprimente do escravo preto e em menor proporção o indígena, o que dá preconceitos contra todo indivíduo de cor escura. O papel político dessa oposição de raças ainda pouco avaliado é, no entanto considerável. Não haveria vantagem em continuar aqui nessa dissecação de contradições e atritos que laboram no seio da colônia e do sistema político. A enumeração acima é exemplificada de um sistema colonial em conjunto profundamente minado e corroído. Os aspectos com que tal desagregação aparece nos acontecimentos, desabrochando em choques e conflitos vários.

De acordo com Prado (2004: 371), em princípios do século XIX havia lojas espalhadas pelos principais centros da colônia, articulando intervenções de uma poderosa organização na vida brasileira. Sem acompanhar a evolução da pecuária nos três primeiros séculos da colonização, distribuía-se a criação em três grandes zonas; para oeste, o limite desta zona se fixa à esquerda da São Francisco: além na região limítrofe de Goiás a colonização não se alastra e bandeirantes levam prisioneiros para os trabalhos escravo, o que ocasionou a fuga dos mesmos para outras paragens.

È interessante ressaltar aqui as formas de mineração do ouro que variava consideravelmente, conforme o tipo de formação aurífera, tão rapidamente; já nos princípios do século XVIII, com rapidez se alastra as fazendas e o gado onde o Rio São Francisco era condensador.

Prado (2004: 210) lembra-nos ainda que campos do noroeste maranhense e alguns setores de Goiás exportavam algumas boiadas e em Mato Grosso criam-se alguns gados

e morais e a presença do trabalho servil seja direta ou indiretamente o seu caráter geral e suas características modelaram a sociedade brasileira.

Segundo Prado (2004: 273), o negro e o índio tiveram papel na formação brasileira e papel amplo na colonização que se processou num plano cunho de conquista, terra explorada até a flor do solo onde o referido índio e o negro se incumbiram da tarefa. As ordens religiosas solícitas defenderam o índio, foram as primeiras em aceitar ou promover a escravidão africana, deixando livres os índios. O negro não teve no Brasil a proteção de ninguém, nenhum gesto a seu favor. A colônia acompanhou o direito romano para quem o escravo é uma “coisa” do seu senhor. Toda sociedade brasileira acompanhada de ritmo escravista sofre mudanças na virada do século XIX começa mudar o cenário. Ataques indígenas acontecem nas regiões do arraial de Crixás que se achava quase desabitadas. O lugar tornou-se epidêmico devido às muitas chuvas e as escavações dos garimpos acumulavam águas sujas vindas do transbordamento do Rio Vermelho e do Rio Crixás-Açu.

Prado (2004: 342) diz que a análise da sociedade não obriga um desdobramento de pesquisa, não é preciso acentuar mais o papel de escravidão, mas sim as relações sociais que dela resulta e o que ela constitui vida social, sexual e trabalho. O trabalho escravo nunca irá além do seu ponto de partida: o esforço físico constrangido sem um plano de vida humana mais elevada.

De acordo com Prado (2004: 360) Enquanto houve senhores e escravos tudo ia bem. Todos os povoados do território brasileiro tinham seu lugar próprio na estrutura social da colônia. O que em suma o sistema de colonização no Brasil, depois de três séculos de frutos apreciáveis, a curva de sua história começa infletir para baixo. Lá pelos fins do século XVIII começam surgir os reformadores e seus projetos, as medidas revolucionárias do sistema colonial e a reforma do regime de mineração em 1803, se frustraram. Os fatos históricos são mais complexos que um conto de “carochinha” em que se deleitam muitos historiadores. Até mesmo ao parecer mais minúcia importância, é que são elas quem mais importam cada situação que aparece á tona dos conhecimentos que podemos acompanhar e apalpar ligando-se ao âmago do sistema colonial, e que o processo da colonização foi pondo um a um, em evidência. Em todos os casos citados, como em outros e quaisquer da mesma natureza, os indivíduos em jogo não são senão criaturas daquele sistema e sofrem-lhes as contingências: o proprietário endividado que não pode pagar o comerciante credor que não recebe seu crédito, o pé descalça que não encontra trabalho e meios de subsistência e assim por diante. Tudo isso provém direta e

econômica, arrastada consigo os outros setores a uma ruína parcial: diminuição da importação e do comércio externo, menos rendimento dos impostos, diminuição da mão de obra por estancamento na importação de zonas de economia fechada e um consumo dirigido à pura subsistência, esvaziamento de centros de população, ruralização, empobrecimento e isolamento social.

Conforme Palacim (1994: 141) o desenvolvimento da agricultura em Goiás e Crixás tropeçava em dois graves obstáculos: um com fundamentos na psicologia social era o desprezo dos mineiros pelo trabalho agrícola e o outro a legislação fiscal. Nos primeiros anos das minas, as autoridades não tinham nada para opor-se ao descaso dos mineiros pela lavoura, pois dentro da divisão do trabalho aplicado pelo governo, a política era então de que as minas deviam concentrar todos os braços disponíveis na produção de ouro; os alimentos e outras coisas imprescindíveis para a vida deviam ser importados, embora com relação aos alimentos se tolerasse a produção para o consumo. Conforme o autor, o comércio interno atravessava uma crise bastante grave não só como consequência da generalização de um tipo de vida agrária de economia familiar auto-suficiente, mas também pelo baixo nível aquisitivo da população e pela carência de meios de pagamentos, fenômenos todos decorrentes do esgotamento progressivo do ouro.

Palacim (1994:150) afirma que o mal mais profundo da decadência e que está na raiz de todos os outros, é o desprezo pelo trabalho, o gosto da ociosidade, não se dizer que fosse uma doença primitiva de Goiás e Crixás, ou causada pela decadência da mineração; é um mal constitutivo da colonização do Brasil, alimentado pela instituição da escravatura. Em consequência, poderíamos caracterizar também a decadência como uma atividade coletiva assumida pela população: um sentimento de fracasso e de derrota de inevitabilidade dos males e da incongruência de qualquer esforço para superá-los.

As dificuldades para exploração do ouro tornaram-se evidentes, já não tinha mão de obra, escravos ficaram escassos, a população de Crixás diminuiu, mas nem por isso o Arraial deixou de existir, conseguiu sobreviver na história.

Para Prado (2004: 341), a vida social dos colonos foi de séculos de duração, para concluirmos daremos um tom geral nesse assunto, tanto no Brasil quanto em Goiás, onde índios, negros e brancos europeus fizeram parte nesses acontecimentos. Conforme o autor o que mais caracteriza a sociedade brasileira é a escravidão, que representa e influencia todos os setores da vida social, organização econômica, os padrões materiais

antigo povoado de Nossa senhora da Conceição, que veio a receber o nome de Crixás com o aspecto histórico e interessante.

Segundo Palacim (1994: 86) as dificuldades para a exploração do ouro se tornaram evidentes. Os escravos em Crixás vinham somar-se a dureza do trabalho, com pés metidos na água fria, durante horas e horas dobradas sobre a cintura enquanto o sol caía implacável sobre suas costas, os escravos sustentavam-se no trabalho a poder de largos goles de cachaça. Daí se seguia as gripes, pneumonia, pleurites, desvios da espinha e outras enfermidades próprias do garimpo. Quando o trabalho era nos túneis aberta na montanha, além dos desmoronamentos, a falta de ventilação acelerava os processos de envenenamento e a petrificação dos pulmões em virtude da silicose. A essas acrescentavam-se outras doenças tais como disenteria bacilar “mal do bicho”, os vermes intestinais e as doenças venéreas.

Exigido até o limite de suas forças, mal alimentados, pois os gêneros eram muitos caros nas minas, sem tempo nem meios para curar-se, o escravo tinha certeza de uma vida breve: dez anos em média. A brutalidade dessa vida cercado por todos os lados é o que empurrava os escravos a fugir para os quilombos. Mais tarde a mão de obra escrava ficou escassa em Crixás, e a população do Arraial ficou constituída por poucas pessoas. Nas últimas décadas do século XIX, o ouro do Rio Vermelho continuava sendo atrativo para garimpeiros de várias paragens. Chegaram muitos imigrantes em busca de metal amarelos dentre eles ingleses e alemães. Como nas cidades antigas do estado de Goiás, em Crixás ficou rastro dos trabalhos escravos como muro de pedras que cercavam quintais e eram usados para várias finalidades, escavações em regos para levar água de um córrego até o local do garimpo.

Segundo Palacim (1994: 145), em Goiás a economia sofre conseqüências de transporte dificuldade de produção, porque se concentravam totalmente a mineração. Em termos relativos o comércio de exportação da capitania de Goiás atravessava uma crise grave devido a generalização da vida agrária que era de baixo nível. Começa a escutar em Goiás ecos, procurando colocar em execução a idéia de promover a agricultura. Trata-se de animar os mineiros ou mineradores a dedicar-se à agricultura e mostrar as grandes vantagens desta atividade econômica. Depois de 4 anos de esforço, obrigados pelo esgotamento da mineração os goianos iam voltando-se para a agricultura conforme afirmou o governador.

De acordo com Palacim (1994: 129), a decadência nas minas significa primeiramente a decadência da mineração. A queda de rendimento das minas, fonte de toda a atividade

arcos e cruzeiros. Quanto à questão da continuidade da tradição foi proposta aos crixenses a pedido da saudosa Vó Lampa (Eulámpia Neves Ferreira, 86 anos, doceira devota ao Divino “falecida recentemente” ela disse: Vocês são jovens e não podem deixar acabar a nossa tradição.

Conforme Palacim (1994), em 1738, o número de escravos de sant’Ana sobem para 7604. Em 1742 a interdencia de Vila boa, Meia Ponte e Crixás terminam o ano com 8082 escravos, e a interdencia do Tocantins São Félix e Arraias com 6248. Depois desta data não foi encontrada nenhuma indicação de numero de escravos. Em 1753 é o ano que marca a maior produção de ouro depois acontece uma decadência com a imigração de novos trabalhadores. Porém sem aceitar as lendas de extraordinárias riquezas tecidas por épocas posteriores afirmam que os escravos apuravam duas oitavas por dia, sem dúvida os meios superficiais era enorme é claro.

Para Lima (2007: 27), em busca de índios para o trabalho escravo e o ambicionado ouro, aventureiros tomaram os caminhos de Goiás. Bartolomeu Bueno fundou em 1926 o Arraial de Santana, mais tarde Vila boa; Manoel Rodrigues Tomás, cujo nome dá se a autoria da Fundação de Crixás foi o descobridor de jazida de ouro na região dos Pirineus.

Palacim (1994: 50), diz que o sistema de casas de fundição para cobrança do quinto era o método mais justo e ideal em sobressalto perpétuo “ o contrabando” ; a lei de 3 de dezembro de 1750 abolia a captação e previa a abertura de uma casa de fundição para Goiás. Devido à riqueza e abundância de ouro existiu em Crixás uma casa de fundição para facilitar o transporte do mineral. Em 1734, enquanto as bandeiras se achavam perdidas nas matas da região do Araguaia, Domingos Rodrigues do Prado, descobria em Crixás outras minas de grande rendimento que mereciam taxaço especial no imposto da captação.

A obra dos descobridores era gigantesca e de grande magnitude. Quantos eram os homens que realizaram a obra da mineração. As escavações, remoções de terra, desvio das águas, penúria dos escravos, falta de instalações sem esquecer tampouco da pressão psicológica do enriquecimento diante da avareza por parte dos descobridores.

O rico território recebeu todos os sedentos seduzidos pelo ouro, diversos tipos de humanos, uns para levar as riquezas, outros para morrer no escaldante sol da exploração do minério; embora a dispersão, abandono e a descontinuidade, outras explorações foram organizadas tais como as fazendas, a agricultura, a pecuária dando respaldo ao

A cidade com aspecto solitário, poucos habitantes, casas abandonadas. Pohl se hospeda numa dessas casas desabitadas, logo depois é visitada por um padre que lhe pede alguns remédios. Johann Pohl percebe a igreja Nossa senhora da Abadia arruinada, a vila possuía aproximadamente 200 casas, 4 igrejas e marcas de nosso ouro vermelho amarelo.

Pohl tal como um profeta afirma que Crixás “Renasce”, luta e revive para novos capítulos a assim aconteceu. Crixás é assim chamada por causa dos índios que habitavam na época àquela região, os “curuxás”, do ramo dos Tapuias.

Kirirás como se lê na Enciclopédia Delta Larousse, citada como Krixá na Enciclopédia dos municípios (IBGE XXXVI volume, pg: 145); porém tanto Kirirás como Kuruxá identifica-se muito com a palavra Crixás.

Quanto à fundação, se tomarmos por base que Vila Boa (Goiás) foi fundada em 1726, época que descobriram o ouro. Data mais provável seria 1734 em que os mesmos fundadores de Niquelândia fizeram tal descoberta.

Crixás está a 320 KM de Goiânia localizada ao norte do estado, é o antigo Arraial Nossa Senhora da Conceição e surgiu nos anos de 1745, no auge do ouro às margens do Rio Vermelho.

Para Prado (2004:122), uma tradição fundada no ciclo aurífero de Goiás é a festa do Divino Espírito Santo. Trata-se de uma festa criada em Portugal, no século XIII, que foi transportada para o Brasil colônia e persiste até hoje como herança dos bandeirantes. Nos anos de 2000 - 2002 Denise Clímaco e Carlos Cipriano, na época estudantes da UFG pesquisaram e refletiram sobre essa tradição, fizeram documentário completo sobre a festa do Divino em Crixás. Conduzido os depoimentos dos crixenses fazendo um passeio pela memória nos tempos do ouro, lembra-se do interior onde nem luz elétrica havia. A maioria dos devotos morava em fazendas afastadas e era visitada por que girava a cavalo durante 30 dias. Depois se encontravam na Casa Grande, especialmente construída para os festejos com vários salões da dança, onde era feito o encontro animado com bailes fartos e refeições. A festa era uma oportunidade de alegria e cumpria o papel de sociabilidade das pessoas. A Casa Grande foi demolida em 1960, deixando recordações a ponto de pessoas mais antigas afirmarem que a festa deixou de existir.

Hoje, mostra as brincadeiras como: a catira, o batuquinho e a viadeira junto com a tradição profana da pinga. O destino traz para os dias atuais a Fé dos devotos, as crianças aprendendo os costumes, as comidas típicas, a cantoria dos foliões diante dos

Em 1770 a população crixaense passa a exercer a atividade agrícola de menor expressão ou de subsistência; e se vê isolada recolhendo-se as fazendas num regime de propriedade privada, usufruindo as pastagens naturais chamadas agrestes uma mistura de capins nativos da região.

As fazendas eram divididas por região e cada família apossava-se de certa quantidade de terra cujas divisas eram estabelecidas por eles mesmos.

Na criação de gado livre cada dono vigiava seu rebanho, escolhendo as pastagens de uma maneira que não misturava muito com os outros confrontantes ou vizinhos, não era muito difícil devido à distância de uma propriedade a outra, mais ou menos de 15 a 20 km de distância. Na ocasião de marcar o gado novo realizava a vaquejadas, onde os melhores vaqueiros se destacavam na pega das crias usando cavalos ágeis e famosos nesta façanha de pegar o novilho pela cauda e amarrá-lo para a marcação. Além da criação de gado de corte havia nessas fazendas criação de porcos que também eram criados soltos e caçados na necessidade de óleo e carne. No meio de tanta fartura o sertanejo não precisava justificar o motivo da sua escolha de viver nas fazendas, vindo para a cidade em épocas especiais.

Segundo Prado (2004:119), o Brasil em sentido colonizador tinha uma economia destinada a fornecer ao comércio europeu, gêneros tropicais e minerais. A nossa economia brasileira procurava organizar tais gêneros que fazia base da riqueza das colônias. A economia se desenvolvia numa escala de exploração agrícola, pecuária, mineração, produção extrativa e comércio.

Conforme Prado (2004:130), agricultura ficou o nervo econômico da civilização. A partir do momento em que torna-se insignificante o ciclo extrativo do ouro, do pau-brasil . è na agricultura que se acentuou a melhor parte do território brasileiro, grandes gêneros tropicais como: _ café, açúcar, algodão e outros, onde assim o comércio de produtos tropicais a posição do Brasil se tornou única.

No ano de 1810 a 1820 os viajantes europeus fizeram a primeira monografia sobre o Brasil e foi através de suas pinturas que levaram as imagens de nossa exuberante natureza até o velho mundo.

Em viagem ao interior do Brasil em 1817, Johann Pohl em missão como médico naturalista na real aldeia do carretão, querendo conhecer mais o interior sertanejo, contratou um único guia. Armado de arco e flecha, levando suas provisões num cesto, parte no dia 14 de maio rumo á Crixás, chegando foi recebido pelos habitantes reunidos.

ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DE CRIXÁS

Resumo: Este artigo tem como principal proposta apresentar os aspectos sociais e econômicos do município de Crixás; demonstrando assim alguns pontos da vida econômica da região, antes e atualmente, abrangendo também o social onde estaremos apresentando a singularidade da formação social do referido município.

Palavras Chave: Mineração, história, sociabilidade, economia, colonização.

Num primeiro momento, a vida econômica da região que hoje constitui o município de Crixás, encontrava-se indissociavelmente ligada às atividades de mineração e pecuária, tendo em si o sistema de colonização, que fez sentir-se na ocupação acelerada e formada ao ritmo das descobertas.

O início de tudo estava marcado pelo caos social em que a busca pelo ouro era a tônica central. A carestia dominava, pois o interesse pela mineração fazia com que não houvesse interesse pela agricultura, não se produzia gênero alimentício, e o que chegava às minas era com preço altíssimo. Crixás era arraial onde encontrava ouro, a região era rica e dadivosa, porém não era bem aproveitado por falta de mão de obra e escassez de água.

O arraial de Crixás foi muito rico e povoado, atingindo grande desenvolvimento. Era o arraial mais bem traçado da província de Goiás que começou a ser povoado por variedade de grupos de pessoas interessadas em riquezas minerais. Com várias construções coloniais, muitas pessoas abastadas escolheram Crixás para explorar, viver e trabalhar. A exploração do ouro permitia o surgimento de núcleos urbanos, possibilitando a organização de atividades destinadas a dar suporte e respaldo, tais como o comércio, profissionais liberais, desde que tais atividades estivessem voltadas a mineração até mesmo no tempo de declínio.

A região crixaense aceitou a todos que sedentos e seduzidos pelo ouro, aportaram em seu território; portanto, o pequeno território recebeu diversos tipos humanos que atraídos pela idéia de enriquecimento ocuparam a região prioritariamente em função da exploração.

Por outro lado, a instabilidade e as incertezas depois da exploração fizeram com que determinados núcleos de povoamentos desaparecessem, embora já houvesse nesse tempo outros respaldos tais como o comércio e a pecuária.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. ASPECTOS SOCIAIS ECONÔMICOS DE CRIXÁS.....	08
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

Feliz quem achou a sabedoria e alcançou o atendimento! Pois adquiri-la vale mais que ter prata e seu rendimento supera o ouro fino. É mais preciosa que o coral e nada do que se pode desejar a iguala.

Provérbios de Salomão.

Agradecemos a Deus que nos concedeu força durante três anos de curso. Também a nossos familiares, OVG, amigos e professores que nos incentivaram dando nos apoio e coragem para a concretizarmos este objetivo.

Dedicamos este artigo aos nossos familiares, aos nossos colegas do curso de História, aos nossos professores e a todos os crixaenses que se interessarem na leitura do mesmo.

**EUNICE RODRIGUES SANTANA DA SILVA
HELENA MARIA MACIEL**

ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DE CRIXÁS

Artigo de conclusão de Curso defendido e aprovado em ___ de _____ de 2009, pela
Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.º: M.S. Rafael da Costa Campos

Professor (a)

Professor (a)

EUNICE RODRIGUES S. DA SILVA
HELENA MARIA MACIEL



ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DE CRIXÁS

Trabalho apresentado ao curso de História da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Professor MS. Rafael da Costa Campos

Rubiataba, 2009

36046

Tombo n°	14098
Classif.	
Ex.	01
Origem:	d
Data:	29/07/2009

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
CURSO DE HISTÓRIA**



ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DE CRIXÁS

**Eunice Rodrigues S. da Silva
Helena Maria Maciel
Orientador: Prof. MS. Rafael da C. Campos**

Rubiataba, 2009